

crítica

le pain et le vin

—por Ignazio Silone—
Bernard Grasset, Editeur

Ignazio Silone, o grande romancista italiano, autor do famoso *Fontamara*, acaba de publicar um outro notável romance, *O pão e o vinho*.

O ambiente em que a acção decorre é, como em *Fontamara*, a provincia romana e o livro foca também a vida do camponês italiano, dos *cafoni*—escrevo mesmo, sem hesitar, que Silone escreveu o romance do camponês (de todos os camponeses) sobretudo do latino, português, espanhol ou romeno, tão semelhante é a sua situação nos diferentes países.

Simplemente, em *O pão e o vinho* intervêm elementos doutras classes—comerciantes, advogados e intelectuais—o que não sucedia em *Fontamara* onde o meio era mais restrito. Tem ainda este romance o interesse de focar o recente e discutido período da guerra com a Abissínia.

Abre o livro com uma descrição da paisagem italiana: «A' direita, é a via férrea e a estrada nacional que, sobre o traçado da antiga Via Valéria, entre prados, trigais, batatais, campos de beterraba e de milho, conduz a Avezzano, sobe para Colli di Monti Bovia, torna a descer para Tivoli, e, como todos os caminhos acaba por ir dar a Roma; à esquerda, entre vinhedos, é o caminho provincial que sobe a montanha e penetra no coração dos Abruzzos, na região das falas e dos últimos ursos, conduzindo a Pascasseroli, a Opi e a Alfedena.

Pelo caminho provincial, torto e pedregoso como o leite duma corrente seca, caminha montada num burrico uma camponesa com uma criança nos braços. O caminho é branco e, ao lado dele, na terra, um camponês traça sulcos castanhos com uma charrua de madeira puxada por dois burros. Lá em baixo, à direita, na estrada nacional, ferraalha trepidante cercada de poeira, um autocarro cheio de soldados.»

E aqui se esboça todo o conteúdo do romance: duas Itália's divorciadas uma da outra.

A primeira, camponesa, montanhosa, fechada a tudo que não diga respeito à sua labuta quotidiana por uma vida precária; a segunda, oficial ou não, procurando influenciar aquela, agindo sobre a primeira.

E que esplêndidas páginas, que seguras observações não nos transmite Ignazio Silone sobre o carácter do camponês! São três as forças agindo sobre os *cafoni*: o partido oficial, a oposição e a Igreja—

romancista mostra claramente a sua acção e os seus entrecosques.

Para os *cafoni* o Estado é o imposto, o jornal que a professora lê aos domingos na escola e a máquina falante que se vai ouvir, nos dias dos discursos solenes, à cidade mais próxima; a Igreja é o irmão Antifona que anda pelo mundo vendendo bulas e medalhas contra as más colheitas, os gafanhotos, o tifo e a variola, ou o padre da freguesia que se alimenta das missas, dos enterros e dos baptizados; para os *cafoni* a oposição é um ruído impreciso, vago, distante, são coisas escritas nas paredes... é Liétro Spina, preso, fugido, perseguido, exilado.

A vida dos camponeses, em permanente e doloroso contacto com as realidades, anda longe de tudo que não sejam os factos, os factos simplesmente, e nada mais do que isso os impressiona. Por isso, para si não tem sentido a maneira como o governo faz propaganda, cujo jornal lhes fala de coisas que não entendem:

«A professora lê:

—A revolução rural atingiu os seus alvos em toda a linha.

Chatap interrompe:

—Os rurais, somos nós? A revolução rural é a revolução que nós fizemos, nós?

—Precisamente, disse a professora.

—Que revolução é que nós fizemos? quiz saber Chatap.

—Isso deve entender-se num sentido espiritual, responde a mestra.

Magasciá não está satisfeito:

—Eis uma fôlha que nos enviou o governo, diz. Está lá escrito que os rurais, quere dizer, segundo a senhora, os *cafoni*, fizeram uma revolução e que esta revolução atingiu os seus alvos. Que alvos?

—Os alvos espirituais, responde a professora.»

Como não têm sentido o vocabulário, os *mot d'ordre* da oposição:

«Perdendo todo o contrôle, êle pergunta:

—Na cidade, pelo menos eu ouvi dizer, há pessoas que sofrem de falta de liberdade. Sofresteis vós alguma vez falta de liberdade?

A resposta tarda a vir. Mastrangelo enche um copo de vinho, esvazia-o.

—Liberdade, responde por fim, há até demais. No meu tempo antes do casamento não

se consentiria a uma rapariga falar sôzinha com o namorado.

—Não é disso que eu falo... Não me refiro às relações entre namorados.

—Agora compreendo, diz Mastrangelo. Agora compreendo, o senhor quere falar das gentes casadas...»

Tôdas estas coisas, a revolução rural é o sentimento abstracto de liberdade, nada significam para os *cafoni*, são simples palavras e a êles só os factos impressionam. A ditadura é um facto, o ciclone é um facto, o imposto é um facto, as medalhas do irmão Antifona são um facto, e êles aceitam-nos com o fatalismo, com a resignação, que lhes trouxe o hábito de tudo sofrer. Por isto Spina compreendeu cedo que aos factos se não opõem palavras.

O sentido caricatural que desfigurava um pouco a realidade no *Fontamara* é aqui mais equilibrado e, assim, mais justamente aplicado; um curioso exemplo:

«Para mostrar até que ponto se estendem as hipotecas, don Genésio conta uma anedota:

—Um *cafone* de Fossa, atingido por uma doença de fígado pouco comum, tinha sido conduzido para uma policlínica de Roma. O laboratório patológico da policlínica adquiriu então a êsse *cafone* o direito de proceder depois da sua morte à autópsia do seu fígado. O homem aceitou o diagnóstico, mas não morreu, e vive ainda com o fígado hipotecado. Pois bem, mal isto se soube, uma multidão de *cafoni*, imaginando-se apresentar alguma anormalidade anatómica, vinha assediá-lo o médico da comuna, na esperança de conseguir por sua vez uma pequena hipoteca.»

O mesmo se pode ler ainda neste curto dialogo:

«—Quantos habitantes há actualmente na região do Fucino? pergunta o padre a don Genésio.

—Trinta mil hipotecas, responde-lhe êste último.»

Mas não são só estas as qualidades do romance: podíamos ainda salientar a justeza dos personagens, a sobriedade e precisão do estilo, a visão larga e aguda dos problemas, mas não cabe, por demasiado longa, essa análise nesta critica. Julgamos no entanto haver dito o essencial d'êste romance sob todos os aspectos notável cuja leitura aconselhamos.

J. N.

● *Renaud de Jouvenel* acaba de publicar *Commune mesure*. Dêste livro apaixonado escreveu Pierre de Massot que «nele o autor traça um panorama de Paris, alucinante pela sua nitidez —o panorama real de Paris de 1939».

● *Paul Nizan*, autor do conhecido livro *Les materialistes de l'Antiquité*, viu premiado com o «Prémio Interallié» o seu notável romance «La conspiration».

Dêste livro disse Jean Bruhat: «La conspiration» ficará como um dos testemunhos mais verdadeiros, mais humanos que já-mais foram escritos sobre o nosso tempo. E' também o livro de um escritor fiel à sua missão de sinceridade, não só para consigo, mas para com a humanidade». E Jean-Richard Bloch escreveu: «Um dos livros mais nobres que enriqueceram a nossa literatura de há muito tempo para cá».

● O número de Janeiro da revista *Europe* transcreve passagens duma carta de Romain Rolland sobre um volume que as Edições «Corréa» de Paris publicaram, intitulado: *Les pages immortelles* de J.—J. Rousseau, choisies et expliquées par Romain Rolland, em que êste grande escritor afirma: «esta publicação foi feita sem que eu tenha sido avisado e sem que as provas me tenham sido submetidas».

● A Associação dos escritores para a defesa da cultura começa, Verlag 10 mai, a publicação duma série de obras dos escritores alemães contemporâneos.

O primeiro volume acaba de aparecer: *Begegnung am Ebro*, de Willi Bredel. A colecção publicará a seguir uma obra de ensaios de Heinrich Mann: *Mut*.

● Num campo de concentração em França morreu o grande poeta espanhol António Machado. «O Diabo» e a «Seara Nova» dedicam-lhe páginas antológicas.

● Foram proibidas na Itália as obras dos escritores: Boccaccio, Voltaire, Zola e Tolstoi.

● Hitler concedeu um «Prémio de cultura» a Todt, o construtor das novas estradas militares e a Junkers, o criador dos novos aviões de bombardeamento.